

Estudar antropologia e fazer ações de extensão em uma universidade pública, intercultural e latino-americana em um contexto de desvalorização acadêmica presente no Brasil

ANA LUÍSA HICKMANN
ANDERSON DUARTE DE ALENCAR
STEPHANE RAMOS ARAÚJO

Sobre los autores

ANA LUÍSA HICKMANN

Graduada em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Correo electrónico: anariottt@gmail.com

ANDERSON DUARTE DE ALENCAR

Graduando em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Correo electrónico: duarte.alencar.ad@gmail.com

STEPHANE RAMOS ARAÚJO

Graduada em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Correo electrónico: stephane-ramos3@hotmail.com



RESUMO

Este artigo trata das especificidades no estudo da antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana apontando a relevância do “fazer antropológico” intercultural e latinoamericanista nas ações de extensão presente universidade. Também aborda a importância da extensão nesse contexto de resistência que as universidades públicas brasileiras vêm atravessando atualmente. A extensão, portanto, se torna um elo entre estudar em um espaço tão culturalmente rico, que está sob ataque para mostrar à sociedade a importância que ela tem. Por isso, é primordial para a manutenção da estrutura da academia que essa troca de relações vividas com a sociedade seja divulgada, tornando assim possível que o aperfeiçoamento da universidade. Diante do exposto, o presente trabalho irá abordar sobre: ensino público, antropologia, extensão universitária e as ameaças à educação pública brasileira que o país vem sofrendo.

Palavras Chave: UNILA - Antropología - Extensão - Educação

Sobre a Universidade Federal da Integração Latino-Americana

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA é muito particular se comparada a outras universidades federais do Brasil. Seu caráter latino-americanista promove experiências muito ricas devido à interação e integração de diferentes culturas no mesmo espaço. Os estudantes são provenientes de trinta e dois países da América Latina e do Caribe. Essa diferença cultural pode ser percebida das mais variadas formas. Pelo som, português, espanhol, francês, guarani, quéchua e crioulo. Pelas batidas do maracatu e as vozes intensas do coral que ricocheteiam pelos corredores. Pela mistura de sotaques. Pelas gírias curiosas que sempre explodem em risadas. Pelas palavras sinônimas, homônimas. Percebemos as diferenças pelos gostos. Pelas arepas colombianas e venezuelanas que discutem para saber qual a mais saborosa. Pelas chipas e empanadas acompanhadas por um mate, este compartilhado por paraguaios, argentinos, uruguaios, gaúchos. Percebemos pelo tato, os movimentos, danças e corpos que se estranham e se assemelham, que dividem espaços. Percebemos pelas cores de toda latino-americana, das roupas às cores de peles.

Estudar antropologia na UNILA

Se estudar na UNILA proporciona tantas experiências, estudar antropologia nesse espaço intercultural também é muito engrandecedor. O próprio nome do curso já nos mostra isso: Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana. Além do projeto

da UNILA, que busca contemplar a diversidade de diferentes países do continente, ao estar fisicamente localizada em uma região de fronteira trinacional (Paraguai-Argentina-Brasil), também enriquece nossa bagagem cultural. Mas o que é exatamente cultura?

A cultura é um tema central na antropologia, e não há um consenso sobre como podemos interpretá-la, entretanto, vamos considerar aqui que a cultura é um conjunto de costumes, crenças, hábitos de determinado grupo, povo ou comunidade, e o que diferencia é a interpretação realizada por cada pesquisador. O antropólogo Boas (1858 – 1942), acreditava que cada cultura tinha a sua particularidade. A noção do relativismo cultural de Boas ajudou a quebrar a ideia de povos superiores e inferiores presente no período do evolucionismo no século 19. Outro autor que aborda tal temática é Geertz (1989) que diz que cultura pode ser interpretada como as teias de significados tecidas pelo homem e o papel do antropólogo é procurar esses significados e interpretá-los (p. 4). Sahlins (1997) completa dizendo que há variedades e não graus de cultura (p.46)

Em uma das aulas da disciplina, Introdução à Antropologia, nossa professora sabiamente fez uma comparação do relativismo cultural com um vagão de trem. Durante a aula, a professora nos pediu para imaginar dois trens, com portas, cadeiras e janelas diferentes, e então nos perguntou o que deveríamos analisar de acordo com o relativismo cultural de Boas. Passamos horas tentando adivinhar o que poderíamos analisar, mas todas as alternativas que falávamos estavam incorretas. Então, depois de muito tempo, ela observou que, de acordo com o relativismo cultural, deveríamos analisar os trilhos dos trens, porque apesar dos trens terem portas, cadeiras e janelas diferentes, os trilhos são iguais. Na UNILA, embora existam muitas diferenças entre os atores que a compõe, compartilhamos da mesma identidade latino-americana e caribenha.

O fazer antropológico, ou seja, a atuação enquanto antropólogo, o “ver e ouvir” (Cardoso, 2000) na Universidade da Integração Latino-Americana possui um caráter muito específico: o viés latinoamericanista e integrador produz experiências únicas; o bilinguismo e o contato com diferentes idiomas e sotaques enriquece as aulas e debates, bem como as atividades propostas pelos projetos de extensão, pois colocam a comunidade em contato com essa diversidade cultural e linguística, mesmo que este não seja o foco principal do projeto de extensão. Além disso, estudar Antropologia e Diversidade Cultural Latinoamericana em um espaço tão diverso culturalmente e focado nas problemáticas da América Latina nos permite uma expansão dos conhecimentos adquiridos na teoria: Na UNILA, desde o momento em que adentramos na universidade, estamos “fazendo antropologia”, mesmo quando fora das salas de aula.

Começar a estudar na UNILA é muito desafiador, pois nos proporciona um contato direto com o diferente, e através desta interculturalidade que permeia a região, enriquecemos a nossa visão de mundo. Temos a oportunidade de conhecer novas culturas e conviver com novas realidades. Estudar na UNILA é uma experiência inigualável. Estudar antropologia na UNILA é estudar antropologia na prática. Um pulsar de culturas, partilhas, conflitos, vozes, corpos, cores, sabores e melodias. O campus é nosso campo, pois, devido à diversidade cultural presente é possível direcionar nosso olhar para diversos temas e questões, nos fazendo refletir também sobre o fazer antropológico.

Extensão na UNILA com viés antropológico

Com a extensão universitária, a univer-

sidade busca elaborar projetos para realizar junto com a comunidade, mitigando assim, a distância entre a universidade com a comunidade, buscando uma aproximação entre os pares.

Em 2017 foram realizadas oficinas organizadas por estudantes de antropologia em uma escola pública e periférica perto do território acadêmico (UNILA). Nessas oficinas foram abordados assuntos tão relevantes para a comunidade e tão ricos para antropologia, como por exemplo, as questões sobre diversidade cultural, diversidade de gênero e diversidade racial.

Os estudantes de antropologia também participaram como professores do cursinho pré-vestibular que a UNILA oferece para os estudantes que não têm condições de pagar um curso preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), exame hoje que é uma das principais portas para ingressar em uma universidade.

Também foram realizadas rodas de conversas na universidade, mediada por três estudantes de diferentes cursos: Sociologia, Saúde Coletiva e Antropologia para tratar sobre violência, seus variados tipos (violência de gênero, racismo, lesbofobia, violência institucional, entre outras), bem como suas formas de manifestação. As rodas de conversa contaram com a presença da comunidade acadêmica e comunidade em geral, que debateu sobre os temas, utilizando as rodas como espaço de troca de conhecimentos, experiências e desabafos.

Esses são apenas alguns dos exemplos de programas científicos a serviço da comunidade ofertados pela universidade que ajudam a fortalecer o vínculo da academia com o município. Além disso, é possível perceber que ser estudante de um curso tão voltado para a área social, faz com que a antropologia e a extensão tenham um bom relacionamento, visto que, é necessário elaborar ações de extensão que fortaleça a relação da comunidade com a universidade, ações que precisam ser de relevância e que também em alguns

aspectos precisa atender as demandas da comunidade, como por exemplo, as oficinas realizadas em 2017, atuar como professor em um programa que atende pessoas carentes e fazer rodas de conversas com mulheres que sofreram variados tipos de violência.

Essas ações reforçaram o papel que a extensão ajuda a desempenhar na comunidade local, diversas ações apresentadas acima, foram realizadas dentro da universidade, num país como o Brasil que a universidade pública é vista como sonho e não como direito, ajuda a desenvolver nos futuros ingressantes uma noção de pertencimento. Essa adesão a esse sentimento de pertencimento pode ser um fator preponderante na defesa e na luta pela educação pública. A extensão assim age decisivamente na linha de frente desse processo.

A desvalorização acadêmica presente no Brasil

Estudar em uma universidade como a UNILA significa estar em contato e muitas vezes, imerso em diferentes culturas, luga-

res, saberes. Isso se vê refletido não somente em sala de aula, como nos programas de produção científica na universidade.

Se faz necessário enfatizar a importância de programas como a extensão universitária, monitoria acadêmica, iniciação científica, entre outros, pois são experiências muito relevantes para a trajetória acadêmica dos estudantes, inserindo-os no universo da pesquisa, criando também vínculos importantes com a comunidade, formando profissionais que compreendem a necessidade desta relação. A extensão nesse contexto de crise apresentado acima se torna mais importante, pois ela proporciona maior aproximação dos discentes com a comunidade e da comunidade com os diversos grupos que desenvolvem as ações dentro da universidade.

Esse processo comunicacional entre as comunidades interna e externa ajuda a defender o projeto da universidade pública gratuita e de qualidade em todo território brasileiro, que grupos políticos que recentemente ascenderam ao poder no Brasil, procuram destruir, com ações que maculam a imagem dessas instituições, afirmando que os estudantes fazem balburdia e não estudam, só querem saber de festas e que as universidades federais são feitas para os estudantes utilizarem drogas e fazerem atos políticos. Como podemos observar nas imagens a seguir:

The screenshot shows a news article header with a red navigation bar containing 'MENU', 'G1', 'EDUCAÇÃO', and 'BUSCAR'. The main headline reads: 'Ministro diz que há plantações de maconha em universidades; reitores criticam ataques e retórica agressiva'. Below the headline, a sub-headline states: 'Andifes, associação que reúne dirigentes das universidades, disse que está tomando as providências jurídicas cabíveis'. The article is attributed to 'Por G1' and dated '22/11/2019 17h29 - Atualizado há uma semana'. Social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, LinkedIn, and Pinterest are visible. On the right side of the page, the logo of the 'UNIVERSIDAD NACIONAL DE MISIONES' is displayed, featuring a circular emblem with a book and a torch, and the text 'FACULTAD DE HUMANIDADES Y CIENCIAS SOCIALES'.

Figura 1: Governo afirmando que as universidades possuem plantações de maconha

MEC quer ampliar financiamento privatizado em universidades federais

A pretexto de atrair recursos financeiros, plano reduz papel público das universidades, na avaliação do educador Daniel Cara

Publicado por Redação RBA | 17/07/2019 13:11

Compartilhar:



Figura 2: Ministério da Educação falando sobre privatização das universidades

PROTESTOS CONTRA OS CORTES NA EDUCAÇÃO >

Protestos contra cortes na educação: "O que o presidente diz é uma ofensa a nós que viemos às ruas"

Bolsonaro chama de "idiotas inúteis" manifestantes que vão às ruas cortes no ensino. Ministro da Educação vai ao Congresso para explicar a diminuição da verba na educação



Figura 3: Estudantes sendo chamados de "idiotas inúteis" pelo presidente do Brasil por estarem lutando pela educação pública

GOVERNO BOLSONARO

'Coisas absurdas têm acontecido dada a autonomia das universidades', diz Bolsonaro

Em encontro com bancada evangélica, presidente diz que evita nomear reitores que tenham relação com partidos de esquerda



Gustavo Uribe

BRASÍLIA O presidente [Jair Bolsonaro](#) criticou nesta quinta-feira (11) a [autonomia das universidades federais](#) e disse que tem evitado nomear reitores que tenham relação com partidos de esquerda.

Em café da manhã com a bancada evangélica, no Palácio do Planalto,

Figura 4: Ataque do presidente do Brasil as universidades

Considerações finais

çComo o Brasil é um país com uma ampla desigualdade social, muitos brasileiros nunca entraram em uma universidade pública, ao menos sabem que as universidades federais e/ou estaduais são públicas e que todas elas são do povo brasileiro. E a partir disso, acreditam no que se passa nos meios de comunicação sobre a universidade.

A extensão assim se torna mais do que um dos três pilares que a universidade deve seguir (ensino, pesquisa e extensão), mas sim um foco primordial de resistência para que o elo entre a sociedade e o espaço acadêmico se mantenha vivo. Visto que, como apontado, o governo atual brasileiro luta constantemente contra a educação pública e como boa parte da população não teve/tem acesso à universidade, eles vão acreditar no que o governo fala e defender a privatização das universidades que o Estado tanto quer. Por fim, a extensão atualmente se faz mais que necessário no Brasil.

Referências

- Boas, C. F. (2004). *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Cardoso Oliveira, R. (2000). *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15. São Paulo: UNESP.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Sahlins, M. (1997). O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana*, 3(1), 41-73.

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO SEGÚN NORMA APA 2017 (UCES):

Hickmann, A. L., Duarte de Alencar, A., Ramos Araújo, S. (diciembre 2019). Estudar antropología en una universidad pública, intercultural, bilingüe y latino-americana en un contexto de desvalorización académica. *Revista de Extensión Tekohá*. Posadas: Ediciones FHycS, 9,(5), pp-pp. xx Recuperado de <http://edicionesfhycs.fhycs.unam.edu.ar/index.php/tekoha>.